

ESTUDOS SOBRE ‘AMÉRICA LATINA’ NA AMÉRICA LATINA | configurações acadêmico-científicas e horizontes teóricos e metodológicos: uma apresentação

O dossiê “**Estudos sobre ‘América Latina’ na América Latina: configurações acadêmico-científicas e horizontes teóricos e metodológicos**” é exemplar da multiplicidade de empreendimentos de pesquisadores e pesquisadoras em torno de pulsantes temáticas que compreendem América Latina e Caribe contemporaneamente, a partir de diversas perspectivas e de várias e distintas instituições e grupos, no Brasil, em outros países latino-americanos e em outras regiões. O propósito do dossiê é contribuir para o fortalecimento de interlocuções mais intensas e regulares, com desdobramentos em possíveis agendas comuns de maior impacto, não só na academia, mas, também, mais amplamente, na sociedade, em prol da inteligência latino-americana como sujeito de seu próprio destino¹.

Objetivamos, por isso, aqui reunir trabalhos críticos que trouxessem para o primeiro plano da análise a reflexão acerca do pensamento e da teoria *no* continente *sobre* o continente. Para tanto, avaliamos ser primordial a discussão das ideologias contidas no convencional campo dos *Latin American Studies*, operacionalizadas por artifícios que assaltam o imaginário sobre a América Latina, com efeitos bastante práticos que ainda corroboram pretensões colonialistas e imperialistas. Em contrapartida, buscamos identificar os campos de produção e difusão de conhecimento e informação sobre a América Latina no Brasil na atualidade e indagar acerca do potencial da expansão destes campos para o fomento e a consolidação de um pensamento autóctone na região, em tempos, contudo, de profundas instabilidades e incertezas. Assim, também sublinhamos a importância das análises sobre estratégias de integração regional, as quais, ao disputarem a estruturação e as dinâmicas nas inter-relações

¹Não por outra razão, há cerca de 1(um) ano foi constituída a Blac (Rede Brasileira de Pesquisadores Latino-Americanistas e Caribeístas), por ocasião da I Reunião de Pesquisadores Latino-Americanistas e Caribeístas, realizada no 40º Encontro Anual da Anpocs, em outubro de 2016. Trata-se de uma rede que cresce a cada dia desde então e se pretende efetivamente espalhada no território nacional. Os pesquisadores e as pesquisadoras, profissionais e estudantes, tendo ou não vínculo institucional, aderem à rede na medida em que, nos seus trabalhos, promovem a América Latina e o Caribe em sua autodeterminação política, econômica, cultural e intelectual. Em que pese a forte presença das ciências sociais em sentido estrito, a Blac se estende para outros campos do conhecimento. Recentemente foram reforçadas diretrizes para a consolidação da Blac na II Reunião de Pesquisadores Latino-Americanistas e Caribeístas, durante o 41º Encontro Anual da Anpocs, em outubro de 2017.

dos países latino-americanos e caribenhos, visam a influenciar não somente o modo de organização de suas sociedades e economias e suas condições de inserção no cenário mundial, como também pautar a própria agenda de produção de conhecimento e de debates acerca dos projetos de mudança social e política na região.

Noutra vertente, atraímos investigações sobre linhagens intelectuais latino-americanas e pensadores expoentes, a fim de sustentar que a produção intelectual no continente, em suas variações, tem história que já nos rende muito bons frutos. Somamos a contribuição dos estudos pós-coloniais e subalternos para atentar a desafios mais recentes ao conhecimento, tais como a compreensão da impossibilidade de se tratar a alteridade como um bloco monolítico, o que reforçaria a lógica eurocêntrica. Nessa esteira, envolvemos discussões sobre as culturas ameríndias e o caráter resignificado da luta quilombola, referências fundamentais para a compreensão das configurações sócio-históricas dos países na região, suprimidas ou manipuladas sistematicamente por culturas políticas enraizadas que reproduzem projetos de poder e dominação hegemônicos.

Ao mesmo tempo, sob o prisma das trajetórias individuais, bem como de suas redes, gerações e suportes institucionais, que se coadunam amalgamando os campos de conhecimento e suas interfaces, recebemos o debate sobre a formação de áreas especializadas do saber, em que se busca afirmar as contribuições originais da experiência das ciências sociais na região, à luz e em diálogo crítico com os legados da origem disciplinar desde o Norte, com destaque à história da ciência política latino-americana. Com o mesmo intuito, ou seja, o de louvar esforços para dar proeminência às produções coletivas na região, mediante a crítica às assimetrias e contradições nas relações Norte-Sul, abarcamos a divulgação de análises e perspectivas latino-americanas sobre amplas transformações sociais que impactam várias dimensões do mundo contemporâneo desde as últimas décadas, envolvendo em especial, os próprios processos de formulação do conhecimento, *na e para a região*.

Inauguramos, assim, nosso dossiê com a contundente reflexão de **João Feres Júnior** em seu artigo “***Representando a América Latina por meio da arte pré-colombiana: a semântica estrutural e histórica da alterização acerca da ideia de América Latina***”, que trata da concepção sobre a região que se consolidou nos estudos de área. O autor salienta um aspecto revelador da construção estereotipada e, por isso, enganosa do continente que preenche a imaginação dos países desenvolvidos com nefastos efeitos para a atuação da

América Latina na geopolítica mundial. Mediante a análise de materiais textuais e pictográficos de larga circulação nas universidades e sociedades científicas que compõem o campo dos *Latin American Studies*, é sintomático que a arte pré-colombiana seja tomada como emblema desta constelação de países tão diversos. Os estudos de cultura visual e de teoria da imagem confirmam o poder com que tal recorrência persuade o público de que o “latino” sequer existe, exceto no passado. Ironicamente, a América Latina é representada pelo mundo pré-latino, da cultura incaica ou asteca, negando-se sua história e coetaneidade na modernidade-mundo.

Segue o segundo artigo, de **Flávia Barros e Lília Tavolaro**, ***“Latino-americanismos, campos de produção e difusão de conhecimento e informação sobre a ‘América Latina’, e mapeamento preliminar do caso brasileiro”***. Alinhadas aos interesses e preocupações de Feres Jr., entre outras referências, as autoras retomam o debate acerca da noção de América Latina como elemento de linguagem e categoria de entendimento da realidade social e apontam para diversas concepções e abordagens que caracterizam sua polissemia. Barros e Tavolaro observam a constituição de campos de produção de conhecimento e informação, no sentido bourdieusiano, à luz de um histórico de disputas entre diferentes projetos e agendas políticas e geopolíticas que são atualizadas e replicadas contemporaneamente, não sem ambiguidades. As autoras também apresentam um mapeamento preliminar de grupos e instituições no Brasil com perspectivas especializadas sobre a América Latina e o Caribe, com base em um conjunto inicial de 146 iniciativas, observando seu pluralismo. Identificam nexos entre a expansão de tais iniciativas e as estratégias políticas do Estado brasileiro nos últimos anos e enfatizam a importância da dimensão sócio-cultural e científica ainda pouco evidenciada nas análises sobre processos de regionalização e integração. A pesquisa de Barros e Tavolaro, em andamento, está seguramente sensível às metamorfoses que se anunciam.

O terceiro artigo, ***“Uma análise crítica de las teorías hegemónicas de la integración regional para entender el regionalismo latino-americano”***, de **Mercedes Boto**, apresenta uma profícua revisão de teorias sobre integração regional que tratam do caso latino-americano. A autora destaca as abordagens a respeito do caráter errático e descontinuado do padrão experimentado na região, observado em meio a três grandes ondas, as quais terminam por apontar para o seu fracasso ou, ao menos, para um expressivo distanciamento entre os objetivos pretendidos e os resultados efetivos. Nesse sentido, Boto enfoca especialmente as críticas quanto à capacidade político-institucional supranacional de regulação das inter-

relações dos países membros e às disparidades do sistema econômico e produtivo destes países dispostos em concertação, situação que é ainda mais dificultada pela crescente presença da China. Seu objetivo é, portanto, fazer a crítica de algumas das principais críticas compreendidas pelas teorias sobre processos de integração, ainda que não pretenda sustentar divergências categóricas quanto às conclusões dos autores arrolados com este fim. Ao priorizar o caso do Mercosul, Boto se propõe a problematizar as visões do “fracasso” que tomam como parâmetro a construção da integração europeia, contestando os axiomas e pressupostos epistemológicos de seus interlocutores teóricos, os quais, segundo a mesma, minimizam a possibilidade de reconhecimento de alguns importantes avanços em termos de cooperação política e econômica que concorrem para a paz e a democracia na região.

Em “*A trajetória intelectual de Ruy Mauro Marini: notas sobre ‘estruturas de sentimentos’ e o pensamento crítico latino-americano*”, quarto artigo do dossiê, **Adelia Miglievich-Ribeiro e Vinícius Fernandes** celebram a história de vida e da obra de um dos mais relevantes teóricos latino-americanos, com grandes contribuições no desenvolvimento da teoria marxista da dependência, cujas repercussões transbordam amplamente a região. Os autores são norteados pelo conceito de “estruturas de sentimentos”, cunhado por Raymond Williams, não plenamente recepcionado nas ciências sociais embora seu olhar ultrapasse os estudos literários pelos quais é mais reconhecido, ao propor a abordagem da cultura como lócus da luta política em uma perspectiva marxista. Por este prisma, os autores exploram a trajetória de Marini, destacado intelectual orgânico de acordo com a concepção gramsciana, ao mesmo tempo em que enaltecem o peculiar e pujante ambiente de mudanças e sentimentos vivenciado por este e outros importantes pensadores. Numa rica convergência de experiências, por meio de suas intensas redes de colaboração, em resistência ao imperialismo e ao autoritarismo que assolavam o Brasil e outros países da região, desde o exílio, esses intelectuais marcaram toda uma geração nas décadas de 1960-70. Como observam Miglievich-Ribeiro e Fernandes, de acordo com Williams, a consciência prática coletiva emergida de tal ambiente, percebida simultaneamente como “pensamento sentido” e “sentimento pensado”, foi fundamental para a formulação contra-hegemônica inspirada pela utopia do socialismo a partir da experiência latino-americana.

O quinto artigo, de **Lucas Trindade**, “*Em torno da crítica de Enrique Dussel à dependência em Ruy Mauro Marini*”, expõe o diálogo do filósofo da libertação Enrique Dussel com o teórico marxista da dependência Ruy Mauro Marini. É impressionante como,

para além da crítica específica de Dussel a Marini, no que concerne à “superexploração do trabalho” – que, do ponto de vista dusseliano, teria ganho o caráter de *fundamento* da dependência, tratando-se isto de uma “inversão” entre consequência e causa – as teorias em tela revelam a sofisticação e a densidade da produção crítica latino-americana em sua reelaboração do marxismo ocidental. Perderíamos todos, portanto, se tivéssemos que optar entre Dussel e Marini. Observa, assim, o movimento de pensamento que o possibilitou a Marini chegar à “legalidade específica da produção capitalista na situação de dependência”, mas que nunca impediu que pensássemos a “superexploração” no contexto dos países centrais. Nesse sentido, as teorias formuladas a partir da América Latina têm um poder de explicação mais abrangente e são capazes de analisar o sistema capitalista mundial contemporâneo, não somente a região de onde partem.

No sexto artigo, ***“As tensões eurocêntricas no pensamento de Mariátegui e os dilemas da constituição do marxismo na América Latina”***, Vinicius Limaverde Forte convida-nos, por sua vez, a melhor conhecer a contribuição de José Carlos Mariátegui na retradução original do pensamento marxista a fim de explicar a realidade peruana de seu tempo. São vigorosos os apontamentos do estudioso sobre o caráter não universal dos modos de produção construídos pelo marxismo ocidental, bem como sua reavaliação da luta de classes na medida do reconhecimento do protagonismo das populações indígenas locais. Seria, entretanto, pretensioso julgar que Mariátegui se desprendera por completo do que Forte examina como a hegemonia do eurocentrismo no pensamento intelectual em sentido lato que eclode, por exemplo, na persistência de um determinado racismo. Não parece restar dúvidas, porém, que a ousadia da “nacionalização do marxismo” pela *Amauta* inspira, até hoje, a construção de uma inteligência latino-americana autônoma.

O sétimo artigo, de Edorta Camino-Esturo, ***“El debate poscolonial latinoamericano y sus extensiones praticas hacia la descolonización del saber en el prólogo del siglo XXI”***, propicia-nos a reflexão a partir da crítica pós-colonial e dos estudos subalternos da metanarrativa da modernidade. Etnocentricamente (eurocentricamente) esta metanarrativa reduziu a inteligibilidade acerca do mundo real, impondo hierarquizações de modos de se realizar a modernidade e, no limite, destruiu as alternativas à modernidade eurosetenrional, antes que estas pudessem se apresentar em sua legítima existência. Camino-Esturo aproxima em sua análise nomes como Edward Said e Homi Bhabha a Ernesto Sábató, Aníbal Quijano, Enrique Dussel, Arturo Escobar, Walter Mignolo, Castro-Gómez e, ainda, a Boaventura de

Sousa Santos. Seu artigo endossa a hipótese de um *corpus* teórico do Sul em antagonismo aos saberes colonizadores do Norte.

No oitavo artigo, ***“Os lamentos do Jaguar: reflexões sobre canibalismo e colonialismo em Nossamerica”***, **Filippe da Silva Guimarães** persegue a perspectiva decolonial não para defender verdades etnológicas sobre os grupos e povos ameríndios situados, cada qual, em sua historicidade, mas a fim de destacar a infinda pluralidade dos sujeitos e de suas experiências. A partir de uma etnografia documental acerca do lugar do branco-ocidental-colonizador no pensamento ameríndio, Guimarães apresenta o colonizado como sujeito de fala em sua competência para relacionar mundos e seres, logo, para atribuir sentidos também à situação colonial em que viveram/vivem. Em seus mitos e rituais diferenciados, que escapam à lógica eurocêntrica, os povos ameríndios narram a chegada esperada e a incorporação do *Jaguar*, do inimigo, do predador, do branco-colonizador ao velho “novo-mundo”, compondo com os diferentes elementos, humanos e não-humanos, um sistema de afinidades. Produzem-se, assim, teorias efetivamente decoloniais de formação dos estados modernos e nacionais em *Nossamérica*.

Em ***“Territórios pós-coloniais: Cultura, arte, política e relações de poder no processo de construção da identidade quilombola”***, nono artigo, **Heliana Castro Alves e Samira Lima da Costa**, tomam a perspectiva pós-colonial para refletir sobre fenômenos que desafiam as relações temporais convencionais, a exemplo das comunidades quilombolas que, nascidas no período colonial, hoje expressam outros modos de luta do movimento negro, que enunciam no presente as marcas da escravização sem, contudo, “congelá-las”. Assim, tem-se o quilombo contemporâneo como um “entre-lugar” e um “entre-tempo” a promover a voz de sujeitos historicamente subalternizados. As autoras propõem a análise de conteúdo das histórias de vida de personagens da comunidade de Machadinha, em Quissamã, ao norte do estado do Rio de Janeiro, para evidenciar, a partir das demandas político-identitárias, as tensões e retraduições da questão cultural e da ideia de coletivo, a exemplo das “negociações” em torno do Jongo.

O dossiê também brinda os leitores com ***“Historia de la Ciencia Política en América Latina: entrevista con Pablo Bulcours”***, por Marcelo Cigales. Sensível à importância do registro sobre o processo de constituição e desenvolvimento da ciência política na região, Cigales entrevista Bulcours, cuja trajetória intelectual é dedicada a tal empreendimento desde os primórdios de sua vida universitária, quando lhe foi despertado o interesse por grandes

mapas teóricos, sob a influência decisiva de Guillermo O'Donnell, quem considera central para a consolidação da ciência política na Argentina e na América Latina. Bulcourn rememora suas inquietações acerca das alternativas de classificação de uma ampla pluralidade de teorias, muitas então excluídas dos principais manuais, e sobre como chegou à concepção de “modelos” de ciência política, pautado pela busca do “sentido comum acadêmico”, inspirado por Thomas Kuhn, e pela crítica de conceitos centrais como o de “institucionalização”. Cigales conduz Bulcourn ao relato de como seu trabalho evoluiu da história da ciência política na Argentina, seu país de formação, para a história da ciência política na América Latina. Distinguindo-se de tendências predominantes nos EUA, Bulcourn discorre acerca do progresso de suas análises sobre as relações de poder e as práticas de poder internamente ao próprio campo da ciência política na região, destacando também a ascendência de Pierre Bourdieu. A busca da tão valorizada autonomia disciplinar da ciência política na América Latina não impede o reconhecimento de Bulcourn quanto à importância da interdisciplinaridade, enfatizada em sua própria experiência, que somou aportes da epistemologia, da sociologia e da história da ciência. Além da exposição de suas estratégias teórico-metodológicas no trabalho de historicização da ciência política, Cigales provoca Bulcourn a comentar sobre os desafios do ensino da disciplina, os grandes temas de pesquisa, seus principais expoentes em diversos países latino-americanos e respectivas perspectivas teóricas e eixos de discussão, bem como as aproximações e distanciamentos nesta área de produção do conhecimento, incluindo as influências desde os EUA e a Europa. Ao mesmo tempo, atento para a função social da ciência política e apontando para os efeitos nefastos do autoritarismo na América Latina, Bulcourn refere-se às agendas, canais de difusão e comunicação, estruturas e dinâmicas institucionais - nacionais e regionais e suas conexões internacionais - que promovem os intercâmbios e parcerias e distinguem a comunidade científica erigida em torno da disciplina na região. Vale registrar, o caso brasileiro é considerado paradigmático no trabalho sobre a história e o desenvolvimento da ciência política na América Latina.

Trazemos ainda a resenha de Marcelo Fetz da coletânea ***Sociedades, conhecimentos e colonialidade: olhares sobre a América Latina***, organizada por Maíra Baumgarten. Motivado por autores cardinais como Max Weber, Wright Mills, Thomas Kuhn, Anthony Giddens, Pierre Bourdieu e Jürgen Habermas, Fetz elege a obra liderada por Baumgarten como um importante exemplo na atualidade da centralidade atribuída à dimensão epistemológica do pensamento científico moderno, também no campo das ciências sociais. Como aponta Fetz,

trata-se do resultado de uma ampla agenda coletiva, que reúne estudiosos de diversas universidades em atividades de grupos de pesquisa e fóruns de debates promovidos por arenas institucionais nacionais e regionais, tendo como objetivo contribuir para a análise das relações entre sociedade, conhecimento e colonialidade na América Latina numa perspectiva crítica. De acordo com a sumarização de Fetz, a obra compreende discussões acerca da fundamentação teórica das problemáticas em pauta, bem como dos vários aspectos relativos aos próprios processos de produção de conhecimento, destacando-se os desafios à produção sociológica latino-americana face à complexidade do mundo contemporâneo globalizado. Segundo Fetz, as questões do desenvolvimento e da democracia nos países latino-americanos em cenários marcados por relações assimétricas – centro-periferia e Norte-Sul – são transversais ao conjunto dos artigos e suscitam, portanto, a continuidade e o fortalecimento de um programa engajado e combativo na área dos estudos sociais da ciência, tecnologia e inovação em prol de mudanças de políticas e estratégias que levem em conta as especificidades e fomentem a maior soberania na região.

Enfim, buscamos aqui promover a sistematização de algumas das principais interrogações postas pelos estudiosos que assumem a América Latina e países latino-americanos e caribenhos como objeto/sujeito de análise. Ao mesmo tempo, buscamos elencar os condicionamentos político-epistemológicos e as subversões possíveis dos estudos e debates, no intento de descortinar os referenciais e as perspectivas teórico-metodológicas que tendem a orientar as pesquisas hoje em curso. Observamos, portanto, que, embora identifiquemos uma forte identidade entre os países latino-americanos quanto aos processos históricos e geopolíticos que atravessam a região, reconhecemos a necessidade de problematização da “América Latina” como noção passível às mais diferentes significações e atribuições, resultantes das relações de poder decorrentes de tais processos, desde a experiência colonial.

Com efeito, “América Latina” tem sido amplamente adotada como categoria de entendimento em diversos âmbitos da produção do conhecimento, do acadêmico especializado ao senso comum. Sua adoção também é fortemente influenciada por meios de comunicação e informação de massa, organizados quase monopolisticamente, na região e fora da região, de acordo com questões e pautas conjunturais, formatadas por determinados setores que acionam cargas ideológicas subjacentes a paradigmas historicamente gestados e que seguem conservados em seus traços essenciais.

Em contraposição, partimos da premissa epistemológica básica, pautada por princípios da sociologia do conhecimento, segundo a qual conceitos políticos e sociais - como “América Latina” - não podem ser estabelecidos como elementos neutros da linguagem. Assim, é oportuna a provocação de Otávio Ianni (2002:3)², de que a América Latina não é objeto ou realidade auto-evidente, mas ao contrário, uma **“uma nebulosa nítida e indecifrável, em movimento, em busca de fisionomia, significado, conceito”**.

O mural de **Diego Rivera**, na capa do dossiê, **“El hombre, controlador del universo”**³, preciosa obra da modernidade mexicana e latino-americana, faz lembrar essa “nebulosa nítida e indecifrável” na terceira década do século XX, período de grandes e dramáticas mudanças na América Latina e Caribe e em suas imagens no mundo. Trata-se de uma das sínteses possíveis, desde o olhar genial do artista, com uma estética crítica, voraz e poética na representação da relação vital do homem com o seu universo construído - o macrocosmo e o microcosmo - nos marcos de um tempo histórico.

Plena de simbolismos e povoada por atores em seus diversos papéis, classes sociais e posições políticas (além de alguns personagens bastante familiares para as ciências sociais), a obra confronta a mística da racionalidade do progresso da ciência, da tecnologia e das várias formas de dominação no início do século XX, ainda no contexto da “segunda revolução industrial”, da consolidação da supremacia imperialista dos EUA e dos primeiros levantes e revoluções socialistas no mundo.

Período, este, em que as jovens nações latino-americanas e caribenhas ainda buscavam se afirmar autonomamente, assaltadas por oligarquias, pela superexploração do trabalho, a restrição dos direitos, o desrespeito à mulher e aos “outros”, de diversas etnias, sob fortes resquícios da escravidão, mas, também, algumas já apresentavam estratégias em prol da consolidação e do reordenamento do Estado, da industrialização, da reforma agrária e da inclusão social, tendo sido palco de importantes movimentos sociais e políticos contra-hegemônicos que de, algum modo, marcaram a identidade latino-americana desde aqueles tempos. Impossível não trazer para a cena a revolução mexicana de 1910 e Emiliano Zapata Salazar, a Aliança Popular Revolucionária Americana (APRA) e Vitor Raya de La Torre, a revolução de 1930 no Brasil de Getúlio Vargas, mesmo que em suas contradições e limites,

² IANNI, Octavio. *Enigmas do pensamento latino-americano*. São Paulo: IEA/USP, 2002. <http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos/iannienigmas.pdf>

³ Concluído em 1934, no Museu del Palácio de Belas Artes, Cidade do México. É a segunda versão do mural no Rockefeller Center de Nova Iorque, destruído por razões políticas. Para a visualização da obra com zoom, eis o link do museu: <http://museopalaciodebellasartes.gob.mx/multimedia/fotogaleria/constructor/constructor.html>

dentre outros tantos e diversos marcos e personagens naquele período na região. Ainda, não deixa de ser tentador, a começar pelo próprio debate sobre o lugar da América Latina na modernidade ocidental, retornarmos a um pouco mais de um século para resgatar a revolução haitiana (1791-1804), na colônia francesa das Índias Ocidentais de São Domingos, liderada por Toussaint Louverture.

A 17 anos de seu centenário, a obra de Rivera na capa de nosso dossiê eterniza a memória da grande odisseia de um tempo que parece ontem. Uma janela que nos leva para trás e para frente no devir histórico. A despeito de importantes conquistas e avanços, da emergência de novas ideologias e utopias, geografias, tecnologias e estéticas, carregamos suas cicatrizes e chagas. Seus ventos e murmúrios jazem bem atrás de nós. Assim, quem sabe, dentre outras muitas obras artísticas que expõem necessários encontros entre a política e a arte, o *“El hombre, controlador del universo”* ainda possa provocar em cada um e seu entorno renovadas “estruturas de sentimentos” a prover de sentido e de vitalidade a luta que mantemos travando em prol da conquista da dignidade de um povo pertencer a si mesmo.

Nossos fraternos agradecimentos aos editores, autores e autoras que viabilizaram o projeto deste dossiê.

Vitória e Brasília, Setembro de 2017

Adelia Miglievich-Ribeiro

Profa. PPGCS-UFES

Flávia Lessa de Barros

Profa. ELA/ICS/UnB

Organizadoras